

# A tradução de originais em língua portuguesa na Europa: uma análise contrastiva

MARIA JOÃO FERRO

Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL)  
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL)

## 1. Introdução

Na sociedade atual — multilingue e multicultural — a tradução desempenha um papel preponderante, tornando possível o diálogo entre as várias culturas. Apesar da influência de uma cultura dominante (anglófona) no mundo globalizado e da implantação do inglês como *lingua franca* em muitos sectores da sociedade, o multilinguismo e o multiculturalismo têm concomitantemente vindo a ocupar o seu lugar nas redes de disseminação do conhecimento. A tradução assumiu-se, portanto, como uma infraestrutura fundamental da globalização, assegurando, por um lado, que aqueles que querem comunicar para uma audiência global o façam através de uma língua global dominante (em muitos casos, o inglês); mas, por outro, garantindo também que os consumidores tenham acesso a informação e conteúdos nas suas próprias línguas, o que gera o movimento contrário de passagem da língua (ou das línguas) dominante para as línguas autóctones (Bielsa, 2012).

Os fluxos de tradução mundiais, contudo, não demonstram um equilíbrio entre as entradas e saídas de originais escritos numa determinada língua, espelhando, pelo contrário, as desigualdades económicas, políticas e culturais a nível mundial. Assim, e muito embora a língua portuguesa se apresente bem posicionada para assumir um lugar de destaque na sociedade globalizada e constituir-se como *lingua franca* em certos sectores, sendo a quarta mais falada em todo o mundo segundo o Observatório da Língua Portuguesa, a realidade da tradução,

indicadora das relações culturais que se estabelecem entre os vários países, revela um cenário muito diferente.

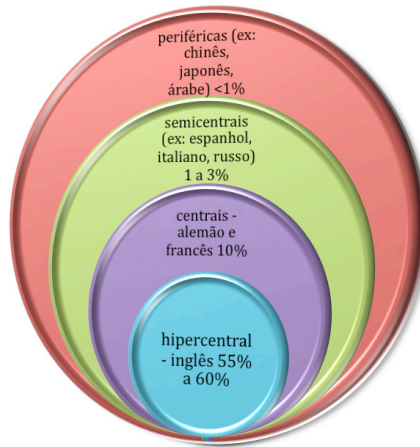
Com base no sistema mundial de tradução proposto por Heilbron (1999, 2010), neste artigo analisamos as traduções de obras originalmente escritas em português para as línguas europeias, nos 28 estados-membros da União Europeia. Damos aqui conta da primeira fase de um projeto que pretende analisar a relação entre a importação e exportação de bens culturais portugueses, concentrando-nos, num primeiro momento, nos livros originalmente produzidos em português, independentemente da variante em que foram escritos. Apesar das suas muitas limitações, que exploraremos mais adiante, utilizaremos os dados estatísticos disponíveis na base de dados *Index Translationum* (IT), mantida pela UNESCO, que contém informações relativas à publicação de traduções em cerca de cem países. Sempre que possível, completaremos a informação com dados de outras fontes.

Na secção 2, começaremos por expor o sistema mundial de tradução de Heilbron e situar o português nesse sistema, antes de passarmos, no ponto seguinte, à análise empírica dos dados relativos às traduções a partir de originais escritos em português. Por fim, apresentaremos as conclusões a que já foi possível chegar neste ponto do projeto e apresentaremos o que se espera vir a fazer em termos da investigação futura.

## 2. O sistema mundial de tradução de Heilbron

Desenvolvendo o campo da sociologia da tradução, Johan Heilbron (1999, 2010) defende a existência de um sistema mundial de tradução, que justifica as desigualdades em termos dos fluxos de tradução *de* e *para* uma determinada língua. Aproveitando a terminologia proposta por Abram de Swaan (2001, 2010) para a classificação das línguas de acordo com o número total de falantes, Heilbron classifica as línguas segundo a posição hipercentral, central, semiperiférica ou periférica que ocupam no sistema mundial de tradução, com base nos fluxos internacionais de livros traduzidos. Apoiando-se sobretudo no *Index Translationum*, o autor concluiu que o inglês ocupa a posição hipercentral no sistema mundial de tradução (ilustrado abaixo na Figura 1), uma vez que 55% a 60% de todas as traduções de livros têm como língua de partida o inglês, língua que, portanto, domina o mercado mundial das traduções (Heilbron, 2010). Atualmente, na posição central, encontram-se duas línguas, o francês e o alemão, cuja quota de traduções se situa em torno dos 10% do mercado mundial. Um terceiro nível corresponde às línguas semicentraes, que detêm entre 1% a 3% da quota de mercado, como o espanhol, o italiano e o russo. Por fim, as restantes

línguas ocupam uma posição periférica, com menos de 1% do mercado mundial de traduções. É neste último grupo que se encontra o português, que, ao lado de línguas com um elevado número de falantes como o chinês, o japonês e o árabe, tem um papel totalmente subalterno no mercado mundial da tradução. Ao contrário do que seria de esperar, portanto, a dimensão de uma língua, medida segundo o número dos seus falantes, não é decisiva para o lugar que ocupa no sistema de tradução (Heilbron, 1999).



**Figura 1** – Sistema mundial de tradução: percentagem de traduções segundo a classificação da língua de partida (Heilbron, 2010).

A hierarquia entre as várias línguas do sistema mundial de tradução, porém, não é estática e a posição de cada língua pode mudar com o passar do tempo, geralmente de uma forma gradual, acompanhando as alterações na posição geopolítica das nações onde é falada como primeira língua. A perda de importância do russo como língua de partida nos países do Leste Europeu, após a queda do muro de Berlim em 1989, é um bom exemplo dessa mudança, já que, no espaço de uma década, o russo passou de língua central para semicentral, assistindo-se simultaneamente à ascensão do alemão, que assim passou a ocupar o seu lugar.

Heilbron (1999) defende o carácter veicular das línguas centrais, na medida em que, geralmente, quando um livro é traduzido para uma língua central mais facilmente chamará a atenção de editoras noutros países. É, portanto, através da passagem para uma língua central que muitas obras conseguem obter visibilidade e entrar assim no sistema mundial de tradução, sendo frequentemente retraduzidas a partir dessa versão traduzida e não a partir do original. Este é,

por exemplo, o caso do turco Orhan Pamuk e do polaco Andrzej Sapkowski, cujas obras são traduzidas em Portugal a partir da sua tradução em inglês ou em francês, consoante os casos.

A centralidade de uma língua implica também uma menor importação de obras escritas noutros idiomas. Segundo Heilbron (1999), há, portanto, uma relação de proporcionalidade inversa entre a centralidade de uma língua e o número de traduções publicadas nessa língua. Essa relação justifica que, em Portugal, onde se fala uma língua periférica na terminologia de Heilbron, a percentagem de obras traduzidas relativamente às obras publicadas originalmente em português seja superior a 23% entre 1985 e 2014, com uma tendência crescente nos últimos quinze anos disponíveis (2005-2014), altura em que as traduções ultrapassam os 25% de todos os títulos publicados em língua portuguesa (PORDATA, 2015).

No Reino Unido e nos Estados Unidos, pelo contrário, as obras traduzidas rondam os 3%. Este número, aliás, tem sido aproveitado para dar nome a trabalhos de investigação e movimentos de promoção da literatura traduzida nos dois países anglófonos mais influentes. Nos EUA, a Universidade de Rochester mantém um sítio Web intitulado *Three Percent*, cujo objetivo é dar a conhecer aos leitores, editores e tradutores informações sobre literatura internacional moderna e contemporânea. Já no Reino Unido, o Mercator Institute for Media, Languages and Culture da Universidade de Aberystwyth, no País de Gales, produziu um relatório com base nos dados estatísticos relativos à literatura traduzida no Reino Unido e na Irlanda, intitulado *Three percent?* (Donahaye, 2012). O ponto de interrogação no título remete para a conclusão do estudo: no Reino Unido e na Irlanda, a publicação de obras traduzidas tem mantido uma tendência de crescimento e situa-se, atualmente, um pouco acima dos 4%. O estudo refere que as editoras do Reino Unido e da Irlanda veem a publicação de traduções literárias como uma atividade comercial arriscada e, portanto, dependem de subsídios para a levarem a cabo. As causas frequentemente apontadas para a pequena quantidade de traduções literárias prendem-se com atitudes negativas enraizadas na população relativamente às línguas estrangeiras, o domínio internacional do inglês enquanto *lingua franca* e uma dificuldade persistente da aceitação, promoção e receção da literatura traduzida por parte das editoras, dos meios de comunicação e dos leitores (Donahaye, 2012). O panorama tem estado a mudar e, num estudo mais recente, de 2016, elaborado pela Nielsen Books para o Man Booker International Prize, verificou-se o crescimento da ficção internacional no Reino Unido. Segundo dados do estudo disponíveis no

sítio Web do Man Booker International Prize<sup>1</sup>, o volume de vendas da ficção traduzida cresceu 96%, constituindo atualmente 3,5% dos títulos de ficção publicados no Reino Unido, mas representando 7% do volume de vendas.

Em França e na Alemanha, países cujas línguas são consideradas centrais por Heilbron, a percentagem de obras traduzidas situa-se entre os 12% e os 18%. As taxas de tradução mais elevadas encontram-se geralmente em países que têm como língua oficial uma língua periférica, onde a própria atividade de tradução tradicionalmente goza de maior prestígio na sociedade. Esta assimetria entre as obras que entram e saem de um país é o resultado do estatuto e da autoridade cultural que a tradução tem num determinado país devido ao local que esse ocupa na ordem geopolítica internacional. Venuti (1995, 1998) alerta não só para os grandes benefícios económicos que os EUA e o Reino Unido obtêm no mercado de venda dos direitos de tradução, mas também para a efetiva expansão da cultura anglo-americana na senda da hegemonia política e económica dos EUA após a Segunda Guerra Mundial.

A centralidade de uma língua no sistema internacional de tradução implica também uma maior variedade em termos dos tipos de obras que são traduzidas a partir dessa língua. Analisando o mercado das traduções em França com base nos dados do *Index Translationum*, Sapiro (2008) constata que, enquanto as traduções do inglês e do alemão para o francês abrangem a generalidade das temáticas, as traduções do espanhol concentram-se sobretudo na temática Literatura e apresentam valores muito baixos para as Ciências Naturais e Exatas ou para as Ciências Aplicadas.

### 3. Análise contrastiva da tradução de originais em português na União Europeia

Para efetuarmos a análise da tradução de obras originalmente escritas em português, utilizámos o já mencionado *Index Translationum*, mantido pela UNESCO. O *Index Translationum* é uma base de dados dos livros traduzidos e publicados em cerca de cem países membros da UNESCO, entre 1979 e 2009, constituindo uma bibliografia internacional de traduções. Segundo dados da página Web do *Index Translationum*, este contém atualmente mais de 2.000.000 entradas de obras traduzidas, divididas em nove grupos temáticos: generalidades, bibliografia e outros; filosofia e psicologia; religião e teologia; direito, ciências sociais e educação; ciências naturais e exatas; ciências aplicadas; artes, jogos e desporto; literatura; história, geografia e biologia.

<sup>1</sup> Disponível em <http://themanbookerprize.com/news/first-research-sales-translated-fiction-uk-shows-growth-and-comparative-strength-international> [11/05/2016].

As estatísticas sobre a tradução começaram a ser coligidas na década de 1930 pelo Institute for Intellectual Collaboration, parte da League of Nations, numa tentativa de contribuir para o esforço de promoção da colaboração internacional e do entendimento mútuo entre as nações; depois da Segunda Guerra Mundial, a UNESCO retomou a publicação dos dados estatísticos relativos à tradução (Heilbron, 1999). Porém, os dados disponibilizados pelo *Index Translationum* não são totalmente fiáveis porque enfermam de uma série de dificuldades decorrentes do facto de a base de dados ser alimentada pelas instituições nacionais que, em cada país, desempenham a função de controlar a publicação de materiais, geralmente as bibliotecas nacionais, que nem sempre fornecem dados completos e atempadamente. Em Portugal, concretamente, o fornecimento de dados sobre as traduções publicadas no país está exatamente a cargo da Biblioteca Nacional.

As limitações decorrem, portanto, da forma como a base de dados é alimentada: uma vez que a recolha dos dados depende das entidades responsáveis em cada país e estas nem sempre os entregam nas datas previstas, há uma grande oscilação em termos dos dados disponíveis para cada país. No caso de Portugal, existe uma série de dados relativamente consistente entre 1979 (alguns, poucos, de datas anteriores) e 2004. Na página Web do *Index Translationum* onde se dá conta das últimas atualizações por país, há a indicação de que 2012 terá sido o último ano relativamente ao qual foram recebidos dados de Portugal, sendo que o último ano publicado é 2004. Outra dificuldade, como salienta Heilbron (1999) prende-se com a definição de «livro» ou «título» já que obras que, em certos países, são consideradas um livro, como uma tese de doutoramento ou um relatório anual de uma empresa, noutros podem ser incluídas na definição de «literatura cinzenta» e, portanto, omitidas das estatísticas fornecidas ao *Index Translationum*.

Como o tipo de análise que pretendemos fazer se prende com a descoberta de tendências gerais, a possível falta de exatidão dos dados constantes do *Index Translationum* não tem uma grande relevância. Por outro lado, vários são os autores que se têm apoiado nessa base de dados, reconhecendo que, apesar das suas limitações, é a única fonte existente para a análise de dados relativos à tradução de uma perspectiva da comparação entre os vários países (cf., por exemplo, Heilbron, 1999, 2010; Kovač et al., 2010; Mercator Institute for Media, Languages and Culture, 2010). Neste estudo, concentrámos a nossa análise nas obras escritas originalmente em português na sua globalidade, sem efetuarmos qualquer distinção entre as várias variantes da língua.

Segundo o Observatório da Língua Portuguesa<sup>2</sup>, o português é a quarta língua mais falada no mundo<sup>3</sup>, atrás do mandarim, do espanhol e do inglês, por essa ordem. As restantes línguas que compõem o top 10 das mais faladas no mundo são, por ordem após o português: o bengali, o russo, o japonês, o javanês e o alemão. No top das 10 línguas mais utilizadas na Internet, o português tem também uma posição cimeira, situando-se em quinto lugar, atrás do inglês, do chinês, do espanhol e do árabe. Tanto o número de falantes como a presença na Internet são indicadores da amplitude de utilização da língua portuguesa. Com o estatuto de língua oficial em nove países distribuídos por quatro continentes — Angola, Brasil, Cabo Verde, Timor Leste, Guiné Equatorial, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe — a língua portuguesa é ainda língua oficial em Macau (juntamente com o chinês), além de estar presente noutros pontos do globo por via das grandes comunidades portuguesas, como Andorra, Austrália, Canadá, Estados Unidos, França, Luxemburgo, Suíça e Venezuela.

Passemos à análise dos dados que o *Index Translationum* contém relativamente a originais escritos em língua portuguesa. Seleccionando os autores de literatura em português mais traduzidos, vemos que o Brasil lidera claramente a lista dos 50 autores mais traduzidos com 28 autores (ou seja, 56%), seguido de Portugal com 19 autores, seguido de Angola com dois (Artur Pepetela e José Eduardo Agualusa, nas 27.<sup>a</sup> e 40.<sup>a</sup> posições, respetivamente) e, finalmente, Moçambique com um autor a integrar a lista (Mia Couto, em 17.<sup>o</sup> lugar). Por economia de espaço, a Tabela 1 regista apenas os 10 autores de literatura em língua portuguesa mais traduzidos para outras línguas.

<sup>2</sup> Dados relativos ao estatuto da língua portuguesa no mundo e à sua utilização na Internet disponíveis em <http://observalinguaportuguesa.org/graficos-o-estatuto-da-lp-no-mundo/> [10/03/2016].

<sup>3</sup> O Observatório da Língua Portuguesa não considera aquilo a que chama «árabe padrão» na classificação das línguas por número de falantes por esta língua não ter locutores nativos. Considerando as várias variantes do árabe como um todo, como faz a obra de referência *Ethnologue* (Lewis, Simons & Fennig, 2016), este ascende à quarta posição das línguas mais faladas em todo o mundo. Outra diferença entre estas duas classificações reside no número de falantes nativos contabilizados para o português em ambas as fontes. Enquanto o *Ethnologue* considera que a língua portuguesa tem 202 milhões de falantes, o Observatório da Língua Portuguesa atribui-lhe 261 milhões de falantes, ou seja, 1 milhão a mais que o hindi. Por este motivo, e dado que o *Ethnologue* é uma base amplamente citada em estudos internacionais, o português aparece muitas vezes classificado como a sexta língua mais falada em todo o mundo e não a quarta como apresenta o Observatório da Língua Portuguesa.



Número de ordem	Autor	Obras traduzidas	País de origem
1	Paulo Coelho	1069	Brasil
2	José Saramago	514	Portugal
3	Jorge Amado	411	Brasil
4	Fernando Pessoa	360	Portugal
5	António Lobo Antunes	185	Portugal
6	José Maria Eça de Queirós	184	Portugal
7	José Mauro de Vasconcelos	114	Brasil
8	Clarice Lispector	112	Brasil
9	Joaquim Maria Machado de Assis	97	Brasil
10	Lygia Bojunga Nunes	85	Brasil

**Tabela 1:** Autores de literatura em língua portuguesa mais traduzidos

**Fonte:** *Index Translationum* [27/04/2016].

É de salientar o número de títulos traduzidos do autor Paulo Coelho que, no cômputo geral dos 100 autores mais traduzidos, o coloca na 68.<sup>a</sup> posição entre Ken Follett e Hergé, e faz dele uma exceção entre os autores que escrevem em português. Werner (2009, p. 46) afirma, aliás, que “today it’s possible to say that he [Paulo Coelho] owns as much symbolic capital as if he wrote in the hyper-central language”. Já José Saramago, o autor português mais traduzido, teve um incremento de 36% no número de traduções em 1999, o ano a seguir a ter sido galardoado com o prémio Nobel da Literatura, tendo o número de traduções das suas obras regressado ao nível que tinha antes de 1998 no espaço de uma década. Kovač et al. (2010) referem a importância dos prémios culturais e literários para a promoção de autores no estrangeiro, porém, o seu efeito desgasta-se ao fim de algum tempo e a atribuição de um prémio não é garantia de reflexo nas vendas.

Enquanto língua de chegada, o português encontra-se na 9.<sup>a</sup> posição se considerarmos todas as temáticas e na 12.<sup>a</sup> posição, se considerarmos apenas as traduções de obras literárias, sendo, portanto, uma das línguas para as quais mais se traduz, o que está de acordo com a sua posição periférica no modelo de Heilbron e com a constatação de que a centralidade de uma língua é inversamente proporcional ao número de traduções efetuadas para essa língua. Enquanto língua de partida, porém, e considerando a totalidade dos temas, Portugal situa-se na 18.<sup>a</sup> posição, tendo à sua frente, nos lugares cimeiros, línguas com um número de falantes muito menor, como o sueco, o dinamarquês e o italiano (ver Tabela 2).



Número de ordem	Língua de partida	Obras traduzidas
1	Inglês	1.265.366
2	Francês	225.805
3	Alemão	208.091
4	Russo	103.599
5	Italiano	69.545
6	Espanhol	54.554
7	Sueco	39.977
8	Japonês	29.242
9	Dinamarquês	21.250
10	Latim	19.952
11	Neerlandês	19.660
12	Grego, Antigo (até 1453)	18.057
13	Checo	17.155
14	Polaco	14.656
15	Norueguês	14.275
16	Chinês	14.065
17	Árabe	12.406
18	<b>Português</b>	11.573
19	Húngaro	11.296
20	Hebraico	10.273

**Tabela 2:** As 20 línguas de partida mais comuns

**Fonte:** *Index Translationum* [23/04/2016].

Numa análise ao mercado das traduções entre 1990 e 2005, feita também com base no *Index Translationum*, o *Mercator Institute for Media, Languages and Culture* (2010) confirma a tendência para um domínio crescente do inglês como língua de partida das traduções literárias, com um incremento exponencial a partir da queda do muro de Berlim, símbolo da desintegração do bloco de Leste, e conseqüente diminuição de importância do russo que já mencionámos. Portugal não escapa a essa tendência: segundo os dados mais recentes constantes do *Index Translationum*, tendo em conta todos os registos de traduções para português, 61,9% foram feitas a partir do inglês (ver Figura 2). Contudo, se contabilizarmos apenas as traduções incluídas na temática Literatura, essa percentagem sobe para 67.2% (ver Figura 3).

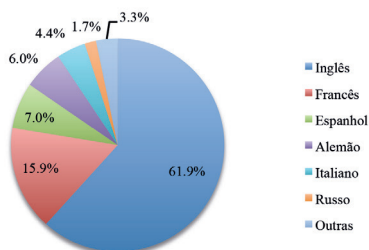


Figura 2: Traduções para português ordenadas por língua de origem (todas as temáticas)

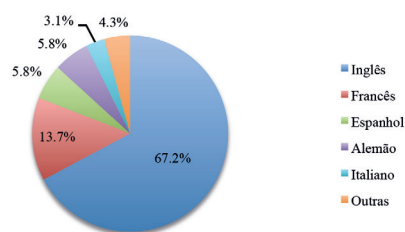


Figura 3: Traduções para português ordenadas por língua de origem (só Literatura)

Fonte: *Index Translationum* [23/04/2016].

Como se pode ver nas Figuras 2 e 3 acima, as línguas de partida mais frequentes das traduções para português são, em ambos os casos, o inglês, o francês, o espanhol, o italiano e o alemão. O quadro das obras literárias não muda em termos da ordenação das línguas mais frequentes, mas apenas relativamente ao aumento da percentagem de obras originais em inglês, um pouco à custa das restantes línguas. Das 85 línguas de partida das traduções para português, considerámos aqui apenas as línguas que representam mais de 1% das traduções totais para língua portuguesa (Figura 2) e das traduções da temática Literatura (Figura 3), o que levou o russo a desaparecer da segunda figura, já que contabilizava 0,9% das traduções dessa categoria.

A análise da Tabela 1 e das Figuras 2 e 3 permite-nos perceber a centralidade do inglês, do francês, do alemão, do espanhol do russo e do italiano, o que corrobora o lugar que Heilbron lhes atribui no sistema mundial de tradução. Além disso, é também interessante verificar o contraste entre o lugar assumido pelo italiano nesse modelo e o lugar assumido pelo português, tendo em conta o universo de falantes de uma e outra línguas. Segundo o Observatório da Língua Portuguesa, o italiano não figura sequer nas dez línguas mais faladas em todo o mundo, sendo a 19.<sup>a</sup>. Os 63,4 milhões de falantes nativos de italiano e os 66,5 milhões de falantes em todo o mundo (Lewis et al., 2016) representam 31% dos falantes de português (tendo em conta para ambas as línguas os dados constantes da mesma fonte, o *Enthologue*). Segundo o *Index Translationum*, considerando a totalidade das traduções de português e de italiano para inglês, essa proporção inverte-se e os originais em português representam apenas 36% dos originais em italiano, o que, mais uma vez, comprova que a centralidade de uma língua no sistema mundial de tradução não depende do número de falantes, mas sim da carga cultural, social e política que lhe está associada.

Num estudo levado a cabo nos então 27 países da UE intitulado *Europeans and their languages* (Comissão Europeia, 2012), as línguas que os aprendentes consideraram mais úteis futuramente para as crianças aprenderem são: inglês

(79%), francês (20%), alemão (20%), espanhol (16%), chinês (14%), russo (4%), italiano (2%) e outras (1%). Estas percentagens revelam o peso relativo que os europeus atribuem às línguas e evidenciam, tal como as quotas no mercado de tradução mundial, o contraste entre o italiano e o português. Em termos das línguas estrangeiras que fazem parte do currículo escolar do nível secundário na UE, o espanhol e o italiano marcam a sua presença, com 2,1 milhões e 0,2 milhões de aprendentes, respetivamente (Eurostat, 2015). Apesar de ser uma das línguas mais faladas do mundo, em contraste com o italiano, o português não tem atualmente o estatuto de referência cultural que o italiano claramente detém.

Tendo em conta a totalidade das traduções registadas no *Index Translationum*, analisámos as dez línguas mais traduzidas em cada um dos 28 países da UE (ver Apêndice I) e salientamos as seguintes conclusões:

- o inglês é a língua mais traduzida em 26 países da UE, sendo a exceção o Chipre (onde a primeira língua é, compreensivelmente, o grego moderno e o inglês surge apenas em segundo lugar) e o próprio Reino Unido (onde a língua mais traduzida é o francês);
- inglês, francês, alemão e italiano pertencem ao conjunto das 10 línguas mais traduzidas em todos os 28 países; o espanhol está presente em 27 desses países, sendo a única exceção o Chipre;
- de entre as línguas oficiais da UE, abaixo do espanhol, encontramos o sueco, presente na listagem de 14 países, o neerlandês em 10 países, o dinamarquês em 8, o húngaro e o checo em 5, o polaco e o grego moderno em 4, o esloveno em 3 e o finlandês em 2;
- de entre as línguas que não fazem parte do número de línguas oficiais da UE, há duas que se destacam: o russo e o japonês;
- apesar de poder ter perdido alguma expressividade com a desintegração do bloco de Leste, o russo continua a ser uma língua de partida muito frequente em toda a UE, estando presente em 24 países;
- o japonês faz parte da listagem de 6 países;
- o latim e o grego antigo, apesar de línguas mortas, estão presentes em 12 e 10 países, respetivamente;
- o português faz parte da lista das 10 línguas mais traduzidas apenas em Itália e em Espanha, à semelhança do finlandês, que só figura na lista da Suécia e da Estónia;
- revelando a proximidade geográfica e, por acréscimo, a proximidade cultural, as línguas periféricas são traduzidas sobretudo nos países que lhe estão mais próximos, como é o caso do norueguês, traduzido na Dinamarca, na Finlândia, na Letónia e na Suécia.

Alargando o estudo das traduções do português, efetuámos mais três análises estatísticas dos dados constantes do *Index Translationum* e testámos (i) a posição do português nos países da UE desde 2000 até 2009, último ano para o qual há registo de dados; (ii) a posição do português desde sempre (sem restringirmos às 10 línguas mais traduzidas em cada país da UE); e (iii) a posição do português desde sempre, tendo em conta apenas a temática Literatura. Optámos por isolar a temática Literatura porque, como se pode ver na Tabela 3 abaixo, essa categoria é responsável por 41% da totalidade das traduções efetuadas a partir do português, tal como acontece, por exemplo, em inglês (51,8%), francês (47,6%), espanhol (52,5%), italiano (41,7%) e alemão (36,2%).

Temática	Obras traduzidas
Ciências Aplicadas	10.765
Artes, Jogos, Desporto	2923
Generalidades, Bibliografia ...	1633
História, Geografia, Biografia	4698
Direito, Ciências Sociais, Educação	7776
Literatura	32.669
Ciências Naturais e Exatas	2217
Filosofia, Psicologia	7933
Religião, Teologia	8285
<b>Total</b>	<b>78.899</b>

**Tabela 3:** Traduções para português divididas por temática

**Fonte:** *Index Translationum* [23/04/2016].

Tendo em conta a totalidade das traduções desde 2000, o português tem vindo a demonstrar uma evolução positiva, tendo entrado nas listas das 10 línguas mais traduzidas na Bulgária e na Grécia, respetivamente para a 8.<sup>a</sup> e para a 9.<sup>a</sup> posições. Em Espanha, as traduções a partir do português passaram da 10.<sup>a</sup> para a 7.<sup>a</sup> posição. Só em Itália e em França é que o português como língua de origem baixou de posição, no primeiro caso, tendo sido suplantado pelo japonês, e, no segundo caso, caindo apenas uma posição para 14.<sup>o</sup> lugar. A Tabela 4 mostra a posição do português em todos os países da UE para os quais existem dados suficientes, tendo ficado de fora o Chipre, a Irlanda, o Luxemburgo e Malta, pela inexistência de dados para o período selecionado ou por não apresentarem mais de 10 línguas de partida.

<b>País</b>	<b>desde sempre</b>	<b>desde 2000</b>	<b>desde sempre - Literatura</b>
<b>Alemanha</b>	17	21	16
<b>Áustria</b>	20	27	19
<b>Bélgica</b>	16	15	20
<b>Bulgária</b>	13	8	10
<b>Chipre</b>		sem dados	
<b>Croácia</b>	12	12	9
<b>Dinamarca</b>	17	16	15
<b>Eslováquia</b>	23	21	17
<b>Eslovénia</b>	18	17	14
<b>Espanha</b>	8	7	10
<b>Estónia</b>	20	21	23
<b>Finlândia</b>	18	17	20
<b>França</b>	13	14	8
<b>Grécia</b>	14	9	10
<b>Hungria</b>	15	11	11
<b>Irlanda</b>		sem dados	
<b>Itália</b>	8	11	8
<b>Letónia</b>	17	16	15
<b>Lituânia</b>	22	19	16
<b>Luxemburgo</b>		sem dados	
<b>Malta</b>		sem dados	
<b>Países Baixos</b>	17	14	10
<b>Polónia</b>	17	17	18
<b>Reino Unido</b>	20	17	16
<b>República Checa</b>	22	21	16
<b>Roménia</b>	10	12	14
<b>Suécia</b>	19	16	14

**Tabela 4:** Posição do português como língua de partida na UE

**Fonte:** *Index Translationum* [23/04/2016].

Tal como Heilbron (1999) afirma, a constelação das línguas do universo da tradução não é estática e as oscilações em termos geopolíticos e económicos provocam movimentações do centro para a periferia e vice-versa. Fazendo uma análise diacrónica dos dados disponíveis do *Index Translationum*, podemos identificar uma tendência de crescimento do português nas últimas décadas tanto ao nível da globalidade das traduções efetuadas a partir do português como ao nível das traduções da temática Literatura. Tendo em conta a totalidade das traduções, até 1990, o português ocupava a 23.<sup>a</sup> posição, com 0,4% das traduções. Considerando apenas as traduções na última década para a qual existem registos (2000-2009), o português ascendeu para a 15.<sup>a</sup> posição, com 0,6% das traduções. Restringindo à temática Literatura, até 1990, o português ocupava a 18.<sup>a</sup> posição, com 0,5% das traduções, mas na década de 2000-2009, ascendeu para a 12.<sup>a</sup> posição, com 0,7% das traduções.

Se olharmos para o topo da listagem, podemos ver que o inglês, mantendo-se incontestavelmente como língua hipercêntrica, tem vindo a aumentar a sua quota no mercado das traduções, tanto em termos gerais, como apenas na temática Literatura. Se, até 1990, as traduções a partir de originais em inglês representavam 44,4% (todas as temáticas) e 49,6% (Literatura), esses números aumentaram na década de 2000-2009 para 59% e 61,5% respetivamente.

No grupo das línguas centrais — identificadas por Heilbron em 1999 e confirmadas pelo autor em 2010 — assistimos à saída do russo e à entrada do alemão. Se bem que os dados constantes do *Index Translationum* não permitam afirmar que, atualmente, ambas estas línguas detêm 10% da quota de traduções já que na década de 2000-2009, o alemão tinha 8,9% e o francês 8,6%, a verdade é que a diferença entre estas duas línguas e as restantes se tem mantido muito grande. Nesta mesma década, em 4.<sup>o</sup> lugar surge o francês com 3,1%, que, até 1990, detinha uma quota de 2,9% e ocupava a 5.<sup>a</sup> posição já que, até essa data, o russo, com 10,9% das traduções, era claramente uma língua central ligeiramente abaixo do francês, que tinha 11%; após 2000, o russo caiu para a 7.<sup>a</sup> posição, com 1,7% das traduções.

É possível que, atualmente, o panorama esteja ligeiramente alterado. Não é difícil imaginar que, com o crescente afastamento da cultura russa dos países que formavam o antigo bloco de Leste, as traduções a partir do russo tenham descido ainda mais, tal como também é possível que o português tenha aumentado um pouco a sua quota do mercado de tradução, como a tendência crescente parece evidenciar. Se a recente nomeação do escritor angolano José Eduardo Agualusa como um dos seis finalistas do *Man Booker International Prize* de 2016 tivesse resultado numa vitória, certamente veríamos um aumento do número da tradução

das suas obras, tal como aconteceu com o caso das obras de José Saramago após ter recebido o Prémio Nobel da Literatura em 1998.

O relatório *Panorámica de la edición española* (PeEi, 2015), com dados entre 2010 e 2014, mostra uma ligeira subida das traduções a partir do português efetuadas em Espanha, de 0,2% para 0,3% da produção total de livros no país, mantendo-se, nos últimos anos, na 8.<sup>a</sup> posição e tendo vindo a distanciar-se do grego e do russo, que ocupam as duas últimas posições da tabela das 10 línguas de partida mais traduzidas em Espanha. Em 2014, considerando apenas os livros traduzidos, a distância entre o português e as duas últimas línguas da tabela (grego e russo) era já do dobro: 1,2% para o português e 0,6% tanto para o grego como para o russo.

#### 4. Conclusão

If language served merely to convey information, then a single language would be optimal in the long run. (Mélitz, 2007, p. 193)

Uma língua transmite muito mais do que simples informação, contém em si uma carga cultural que molda a forma como os seus falantes vêem o mundo. Jacques Mélitz salienta que, para além de ser um veículo de comunicação entre os seus falantes, uma língua é também fonte de prazer, interesses e paixões, o que o leva a afirmar que “the tendency of an integrated world market to privilege the translation of English fiction and poetry into other languages for reading or listening enjoyment may damage the production of world literature and in this respect make us all worse off” (Mélitz, 2007, p. 194). Segundo o modelo económico que o autor desenvolve, a hegemonia da literatura inglesa ameaça a acumulação de capital cultural e, portanto, prejudica o bem-estar de toda a sociedade. O estudo de Mélitz, que se centra no impacto do inglês sobre a literatura e o bem-estar sociais, tem razão de ser porque o inglês é, de longe, a língua mais central no sistema internacional de tradução, o que justifica que Heilbron lhe tenha atribuído o lugar hipercentral e que afirme que “[t]he international translation system is thus marked by a very uneven distribution and is firmly dominated by English” (Heilbron, 1999, p. 434). A circulação mundial de obras de ficção e de não-ficção sob a forma de traduções obedece, portanto, a uma estrutura altamente hierarquizada e dominada pelos países anglófonos, com especial destaque para os EUA e para o Reino Unido, o que tem necessárias repercussões ao nível do comércio internacional de bens culturais.

No entanto, Heilbron (2010) refere que, nos Países Baixos, por exemplo, e nas últimas quatro décadas, tem havido um aumento da diversidade em termos das



«outras» línguas de partida (além das tradicionais e expectáveis inglês, alemão e francês), embora a percentagem total de traduções a partir de línguas periféricas não tenha aumentado. Kovač et al. (2010) estendem a análise a vários países da Europa Ocidental e provam que há mais diversidade nos padrões de distribuição dos autores mais vendidos na Europa, tendo analisado, concretamente, os tops de vendas de oito países — Alemanha, Áustria, Espanha, França, Itália, Países Baixos, Reino Unido e Suécia — mensalmente, ao longo de três anos. Da sua análise, resultou que dos 20 títulos mais vendidos, 8 foram originalmente escritos em inglês. Se é certo que esse número representa mais de 40%, a verdade é que os tops de vendas mostram alguma diversidade, com títulos escritos em seis outras línguas: sueco (3), francês (3), italiano (3), neerlandês (1), alemão (1) e espanhol (1). Caso os autores tivessem analisado os tops de vendas de outros países europeus, a lista de línguas originais poderia ser diferente. Apesar de concordarmos com os autores quando referem que “the group of strong languages from which an international career can reasonably be started is limited to mostly half a dozen West European idioms, including notably English, French, German, Italian, Spanish, and Swedish” (Kovač et al., 2010, p. 51), a verdade é que incluindo os mercados sueco ou alemão na análise, já seria de esperar que, estatisticamente, as obras em sueco ou em alemão estivessem representadas.

Publicada pela UNESCO em 2002, a declaração universal sobre a diversidade cultural dedica uma secção à diversidade cultural e à criatividade, promovendo o diálogo entre culturas. Nos artigos 8 e 9, concretamente, reconhece-se que os bens e os serviços culturais, onde as traduções literárias se incluem, são vetores de identidade, valores e significado e, portanto, não podem ser tratados como simples mercadorias ou bens de consumo (UNESCO, 2002). Na secção seguinte, dedicada à diversidade cultural e à solidariedade internacional, alerta-se para o facto de que as forças de mercado, só por si, não têm a capacidade de preservar e promover a diversidade cultural, pelo que “the pre-eminence of public policy, in partnership with the private sector and civil society, must be reaffirmed” (UNESCO, 2002, artigo 11).

Recentemente, o jornal *Observador* noticiava um aumento exponencial da tradução de literatura portuguesa na Colômbia, onde Portugal foi o país convidado na edição de 2013 da Feira Internacional do Livro de Bogotá (Palma, 2016). Em finais de 2015, o mesmo jornal noticiava o tremendo interesse dos checos pela língua portuguesa (Marques, 2015). Assumindo a falta de recursos linguísticos necessários no Reino Unido — muito devido à proeminência do inglês como língua de comunicação internacional, o que leva os falantes a desconsiderar o valor do multilinguismo — um estudo levado a cabo pelo British Council, baseado numa série de indicadores económicos e políticos, identificou o português como

uma das 10 línguas estrangeiras mais importantes para o futuro do país, em 6.º lugar, atrás do espanhol, árabe, francês, chinês (mandarim) e alemão (British Council, 2013). Nos Estados Unidos, o português é a 12.ª língua estrangeira mais aprendida (Reto, 2014). Estes são sinais bastante positivos, que devem encorajar a desenvolver formas de promover a cultura e a língua portuguesas.

## Referências bibliográficas

- Bielsa, E. (2012). Beyond Hybridity and Authenticity: Globalisation, Translation and the Cosmopolitan Turn in the Social Sciences. *Synthesis*, 4, 17-35.
- British Council (2013). Languages for the future: Which languages the UK needs most and why. Disponível em <https://www.britishcouncil.org/sites/default/files/languages-for-the-future-report-v3.pdf> [25/03/2016].
- Comissão Europeia (2012). Europeans and their languages. Special Eurobarometer 386. Directorate-General for Communication. Disponível em [http://ec.europa.eu/public\\_opinion/archives/ebs/ebs\\_386\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_386_en.pdf) [29-03-2016].
- de Swaan, A. (2001). *World of words*. Cambridge: Polity.
- de Swaan, A. (2010). Language systems. In N. Coupland (Ed.), *The handbook of language and globalization* (pp. 56-76). Chichester: Wiley-Blackwell.
- Donahaye, J. (2012). *Three percent? Publishing data and statistics on translated literature in the United Kingdom and Ireland*. País de Gales: Mercator Institute for Media, Languages and Cultures, Aberystwyth University.
- Eurostat (2015). News release, 164/2015. Eurostat Press Office. Disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/7008563/3-24092015-AP-EN.pdf> [25/03/2016].
- Heilbron, J. (1999). Towards a Sociology of Translation Book Translations as a Cultural World-System. *European Journal of Social Theory*, 2(4), 429-444.
- Heilbron, J. (2010). Structure and dynamics of the world system of translation. UNESCO, *International Symposium 'Translation and Cultural Mediation'*, 22-23 de Fevereiro.
- Kovač, M., Wischenbart, R. W., Jursitzky, J., Kaldonek, S., & Coufal, J. (2010). Diversity Report 2010: Literary Translation in Current European Book Markets: an Analysis of Authors, Languages, and Flows [PDF]. Disponível em [http://www.wischenbart.com/upload/Diversity-Report\\_2010.pdf](http://www.wischenbart.com/upload/Diversity-Report_2010.pdf) [17/03/2016].
- Lewis, M. P., Simons G. F., & Fennig, C. D. (Eds.). (2016). *Ethnologue: Languages of the World* (19.ª ed.). Dallas, Texas: SIL International. Versão em linha: <http://www.ethnologue.com>.

- Marques, J. E. (2015, 5 de outubro). Sabia que os checos andam loucos com a língua portuguesa? *Observador*. Disponível em <http://observador.pt/2015/10/05/sabia-os-chechos-andam-loucos-lingua-portuguesa/> [26/04/2016].
- Méltz, J. (2007). The impact of English dominance on literature and welfare. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 64(2), 193-215.
- Mercator Institute for Media, Languages and Culture (2010). *Publishing translations in Europe: Trends 1990-2005*. País de Gales: Aberystwyth University.
- Palma, T. (2016, 20 de abril). Pedro Rapoula: “Há um «boom» da literatura portuguesa na Colômbia e deve-se muito à feira de Bogotá”. *Observador*. Disponível em <http://observador.pt/2016/04/20/pedro-rapoula-ha-um-boom-da-literatura-portuguesa-na-colombia-deve-feira-bogota/> [26/04/2016].
- PeEi - Panorámica de la edición española de libros 2014 (2015). Madrid: Secretaría General Técnica, Ministerio de Educación, cultura y deporte.
- PORDATA (2015). Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos (1985-2014) [PDF]. disponível em [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt) [19/04/2016].
- Reto, L. (Coord.). (2014). O ensino da língua portuguesa nos EUA. Fundação Luso-Americana [PDF]. Disponível em <http://www.flad.pt/wp-content/uploads/2014/09/Ensino-do-Português-nos-EUA-FINAL2.pdf> [25/03/2016].
- Sapiro, G. (2008). *Translatio, Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS Éditions.
- UNESCO (2002). Universal declaration on cultural diversity. World Summit on Sustainable Development, Joanesburgo, 26 de agosto a 4 de setembro. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127162e.pdf> [15/03/2016].
- Venuti, L. (1995). *The translator's invisibility: A history of translation*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Venuti, L. (1998). *The scandals of translation: Towards an ethics of difference*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Werner, C. (2001). *Literary translation flow from Brazil to abroad: six case studies*. MA thesis. Universidade de Leiden.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Alemanha	inglês	francês	alemão	italiano	holandês	russo	espanhol	sueco	latim	grego ant.
Áustria	inglês	francês	alemão	italiano	esloveno	espanhol	russo	sueco	holandês	húngaro
Bélgica	inglês	francês	alemão	holandês	italiano	espanhol	sueco	japonês	latim	russo
Bulgária	inglês	russo	francês	alemão	búlgaro	italiano	espanhol	polaco	checo	húngaro
Chipre	grego mod.	inglês	italiano	árabe	alemão	russo	turco	francês	grego ant.	várias lgs.
Croácia	inglês	alemão	croata	francês	italiano	espanhol	esloveno	russo	latim	grego ant.
Dinamarca	inglês	sueco	dinamarquês	alemão	francês	norueguês	holandês	espanhol	italiano	japonês
Eslováquia	inglês	alemão	francês	eslovaco	checo	italiano	russo	polaco	espanhol	húngaro
Eslovénia	inglês	alemão	francês	italiano	esloveno	espanhol	holandês	croata	sueco	russo
Espanha	inglês	francês	alemão	espanhol	italiano	atalão	latim	grego ant.	russo	português
Estónia	inglês	estónio	alemão	francês	finlandês	russo	sueco	italiano	espanhol	dinamarquês
Finlândia	inglês	sueco	finlandês	alemão	francês	russo	norueguês	italiano	dinamarquês	espanhol
França	inglês	alemão	francês	italiano	japonês	espanhol	russo	latim	grego ant.	árabe
Grécia	inglês	francês	alemão	grego mod.	italiano	espanhol	russo	turco	sueco	japonês
Hungria	inglês	alemão	húngaro	francês	russo	várias lgs.	italiano	espanhol	checo	latim
Irlanda	inglês	irlandês	francês	espanhol	alemão	italiano	latim	sueco	gaélico (esc.)	holandês
Itália	inglês	francês	alemão	espanhol	latim	russo	grego ant.	português	italiano	japonês
Letónia	inglês	alemão	francês	russo	sueco	italiano	norueguês	espanhol	dinamarquês	estónio
Lituânia	inglês	alemão	francês	russo	lituano	italiano	polaco	sueco	espanhol	dinamarquês
Luxemburgo	inglês	francês	alemão	espanhol	grego ant.	italiano	coreano	holandês	grego mod.	kashubian
Malta	inglês	latim	italiano	francês	hebraico	espanhol	árabe	grego ant.	maltês	polaco
Países Baixos	inglês	alemão	francês	italiano	espanhol	sueco	russo	holandês	latim	dinamarquês
Polónia	inglês	alemão	francês	italiano	polaco	russo	espanhol	sueco	checo	grego ant.
Portugal	inglês	francês	espanhol	alemão	italiano	português	latim	grego ant.	russo	dinamarquês
Reino Unido	francês	alemão	inglês	italiano	russo	espanhol	holandês	latim	japonês	sueco
República Checa	inglês	alemão	francês	checo	italiano	espanhol	polaco	russo	eslovaco	holandês
Roménia	inglês	francês	romeno	alemão	italiano	russo	espanhol	grego ant.	húngaro	grego mod.
Suécia	inglês	sueco	alemão	francês	dinamarquês	norueguês	finlandês	russo	italiano	espanhol

**Apêndice I** - As 10 línguas mais traduzidas nos 28 países da UE (todos os registos do *Index Translationum*, 23/04/2016)